



REDACÇÃO PRINCIPAL —

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. 7.112 — Lisboa — Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O MAGNO PROBLEMA

Ante a carestia da vida

Responsáveis: o governo e o povo

A situação angustiosa do momento presente não se modifica com platonismos

Decretos: uma burla

Quando, naquela trágica noite de 1914, a Humanidade foi surpreendida com a eclosão do maior cataclismo político de todos os tempos, ninguém calculou a que ponto nos levaria esse colossal entrecruce de ambições e de preconceitos; nunca se supoz que a insensatez dos governantes de todo o mundo chegasse ao ponto de prolongar durante quatro longos anos, uma luta em que se derramaram oceanos de sangue e de que resultaram a fome e a miséria em países que, apesar de há muito oferecerem as tristes consequências do regime capitalista, afastados estavam da extrema penúria. Mas o facto é que o massacre estendeu-se por meses sem parar a vida económica desorganizou-se por completo e a galopada inflação dos preços não houve quem, especialmente nestes países, pusesse obstáculo. Agora, mais uma vez, os obstáculos são a assinatura do armistício que põe termo à guerra entre as potências bérberas, a situação económica continua ainda angustiosa, respirando-se uma atmosfera de fogo, e não vemos o governo encerrar com a necessária gravidade esta questão, parecendo alheio aos sofrimentos do povo, nem a uma nova carestia, nascida da guerra, cessar com o insulto à miséria alheia, insulso representante da exteriorização da sua opulência. Nós, que estamos constantemente em contacto com o povo, que a esse povo pertencemos, compartilhando das suas dores e privações, vimos hoje chamar a sua atenção para a necessidade de se tomar uma situação insustentável, lamentando que, para o governo, pode vir de proveitoso aviso.

Os governantes portugueses se preocupam a sério com a carestia

Mal se notaram os primeiros sintomas de encarecimento da vida, a organização operária soube o brado de guerra, disposta a dar rio abaixo, desafiando a multidão sofridora a descer-se devidamente, ao bando de lobos que havia desceido ao povoado, não com o intuito de coarctar, mas acobertando-se com a cómoda designação de honrada missão. De princípio, não encontrou se toque a rebate o necessário eco, tendo-se alterado ligeiramente o prelo dum ou outro artigo de primeira necessidade; julgou-se que a turba insatisfeita dos privilegiados com essa extorção mínima se daria por satisfeita e, sim, poucos foram os que sinceramente se inquietaram com o início do agravamento da situação económica de Portugal. E, ao passo que entre o povo se via esse indiferentismo, os governantes, ardentemente empenhados na criminosa tarefa de arrastar Portugal para o matadouro europeu, também não se preocuparam com o caso. A situação, pois, foi-se agravando continuamente. Aos governos sucederam-se os governos; o golpe de estado de Janeiro de 1915 derrubou os democráticos e levou ao poder Pimenta de Castro. Caído este, devido à revolução política de 14 de Maio desse mesmo ano, voltaram os democráticos ao poder, que foram novamente derrubados a 5 de Dezembro de 1917. Imperou então Sidónio, ditando de poderes descomunais, até a uma bala o liquidou, voltando, então, os democráticos e os restantes partidos chamados constitucionais, ao poder. Ve-se, pois, que governou durante a guerra e o primeiro ano de armistício, gente de todas as facções, desde os mais encobertos aos socialistas diligentes. E que fizeram? Sim, que fizeram? A verdade é que nunca fizeram os mínimos esforços para aliviar a gravidade da situação económica, procurando providenciar as necessidades das massas trabalhadoras, e pondo de parte as suas intrigas de baixa política, reiniciadas para muitos e benéficas para poucos. Fácil é chegar-nos à conclusão irrefutável de que nunca os governantes seriamente se preocuparam com a progressiva interrupção daqueles artigos que, por serem essenciais à vida, a lógica e absolutamente indispensáveis que estivessem ao alcance de todas as bolsas.

Leis, leis, muitas leis — E, para quê?

Possível é que queiram refutar a afirmação que acabamos de fazer, apontando-nos as centenas de diplomas e subordinações respeitantes, emanados das secretarias do Estado. Na realidade, no capítulo carestia da vida, muitas leis foram feitas. Há dezenas de leis, decretos, portarias, regulamentos; há uma abundante legislação que muitas vezes se contradiz. Mas o que resultou das providências legislativas? Nada, absolutamente nada. Legisla-se ao acaso, atendendo ao momento e não ao longo das complicações futuras e disso resulta que entre as inúmeras providências oficiais não existe nenhuma efectiva, não se descobrindo mesmo uma intenção única, vindo-se a cada passo mais estranhas incongruências —

para que se legislou tanto? Nenhum resultado palpável surgiu desse enorme montão de diplomas de carácter oficial. O Estado estabeleceu uma taxa para determinado artigo e imediatamente desapareceu do mercado; o Estado prescrevia as mais severas penalidades para os comerciantes infractores e não há memória dum desses parasitas ter sido severamente castigado. A causa disso já foi apontada nestas colunas: é que o Estado é ao mesmo tempo comerciante, agricultor industrial e de forma alguma atraí-los a seus interesses para benefício do povo, que sempre considerou como seu dócil serventário. E' preciso que nos convençamos de que os governantes não passam de delegados da burguesia no poder, nada de benefício fazendo para a multidão trabalhadora.

Quanto comerciantes foram condenados por assambarcadores?

Dizemos mais acima que não há memória de um comerciante ter sido devidamente castigado, a despeito da severidade da legislação vigente. Julgamos que é indiscutível esta afirmação. Tem-se assambarcado descaradamente, quasi publicamente, e os poderes públicos não intervieram; os entes de Alfândegas e os entrepostos do Estado não têm passado de optimos escondidos de enormes quantidades de substâncias, e não se procura acabar com essa vergonha; o povo sofre penúria de açúcar, bacalhau, etc., e sabe que os poderes as empresas e companhias têm preferido inutilizar grandes quantidades desses artigos a lançá-los no mercado, porque isso acarretaria o barateamento desse barateamento que os exploradores da fome pública de forma alguma querem, porque se habituaram a ganhar muito vendendo pouco. Tudo isto constitui delicto previsto nas leis de subsistências; esses delictos são punidos com severas multas, encarceramento de estabelecimentos, prisão ou deportação para a África. Pois damos alvargens a quem nos apontar o nome dum comerciante a quem tenham feito pagar pesadas multas, correspondentes a grandes assambarcamentos, ou encerrado o estabelecimento. Temos a certeza de que não chegará a esta redacção um único nome, e quantos assambarcadores e envenenadores do povo estão na cadeia? E quantos foram enviados para a África, de grilheta aos pés? A infâmia desses autênticos malditores — mil vezes mais repugnantes e perigosos que o apache que, afrontando perseguições da polícia e os horrores do cárcere, vagabundeia pelas ruas, altas horas da noite, para surripiar a bolsa a qualquer transeunte desprevenido — é verdadeiramente assombrosa.

Entretanto, o operariado é perseguido ferozmente

Ao passo que os poderes públicos tem para os exploradores baixeiras de prostitutas, afagando-os e preservando-os constantemente das iras populares, o operariado que não explora, mas é explorado, que passa fome e sofre frio, é alvo constante das perseguições mais cruéis da parte dos governantes. Deixa-se que uma minoria insignificante esfomeie um país, e não se permite que as multidões se utilizem das liberdades oficialmente estabelecidas pela Constituição da República. Os banqueiros da rua dos Capelitas fazem o que muito bem entendem, e o governo curva-se perante eles; o operariado reúne nos seus sindicatos, e a força pública prende-os em massa. Eis como os exploradores e os explorados são tratados em Portugal. Os segundo tem semeado a miséria em milhares de lares e disso ninguém se impede; quando os primeiros fazem um protesto veemente, são fuzilados ou deportados. A coligação da burguesia rapinante com os governantes venais e cobardes é uma realidade. Eles vêem que a inconsciência popular ainda é muita e com ela contam para prolongar o seu poderio ainda por muitos anos, não recedendo o chocante contraste que oferece o tratamento seguido para com os gananciosos e o que é adoptado para com a minoria consciente do proletariado.

A despeito de tudo, a organização operária nunca abandonou a questão da carestia da vida

No entanto, apesar das perseguições que insistidamente se tem praticado contra os agrupamentos sindicais, nunca estes descuraram o gravíssimo problema da vida cara e difícil. No manifesto, no jornal, na tribuna, tem-se chamado a atenção do proletariado para as causas da crise económica que atravessava; puseram-se a descoberto os maquiagem e especulações dos assambarcadores, denunciou-se o tácito apoio que estes encontram entre a corja política. Organizou-se o colossal movimento contra a carestia da vida, de 1918, que teve um ano de preparação, e se no mo-

mento de estalar não teve a retumbância que era de esperar, deve-se isso a uma delirante alegria e às doces ilusões de se apossaram do povo quando da assinatura do armistício. Os sindicatos operários e a sua imprensa tem estado sempre alerta; o povo trabalhador nunca pôde alegar desconhecimento da situação. Se mais se não tem feito, se alguma coisa de palpável se não realizou é porque o operariado que não hesitou em, por duas vezes, se lançar nos assaltos, arrojando com o ago das balas e com o aço das espadas, não foi capaz de realizar uma grande ofensiva, coordenada e disciplinada, contra a carestia da vida e contra aqueles que a provocam. Mas a verdade é que hoje, que a situação é mais grave do que nunca, necessário se torna uma energia rebelião dos oprimidos.

A inutilidade da fiscalização oficial

Dos energicos protestos do movimento operário, protestos amidos formulados, resultou o governo formar um simulacro de fiscalização aos actos dos comerciantes, mas o que foi e é essa fiscalização, todos o sabemos de sobejo. Em lugar de um pouco beneficiar o povo, aliviando a pesada e carregada atmosfera económica de Portugal, não pouco contribuiu para o agravamento da fome, transformando-se o casarão do Largo da Palmatória numa repartição pública que por dever tinha vigiar atentamente os maneios dos assambarcadores, numa autêntica caverna de Caco, onde os bem intencionados não podiam entrar sem a suspeita de que ali estava um dos factores do desgraçado viver do povo lhe alcançasse o coração. De nada, pois, serviu a fiscalização instituída pelo governo. Grossas negociações se fizeram e hoje quantos não contemplam, gargalhando infernalmente, os montes de ouro acumulados em tam criminoso faina! Mesmo quando entre os fiscais, homens recrutados na maioria entre gente do povo, alguma coisa de sério e útil se tenta pôr em prática, mil embaraços e tropeços se põem aos seus esforços, que geralmente redundam num malogro completo. Dum governador civil sabemos nós que, chamando os fiscais em serviço do distrito ao seu gabinete, lhes ordenava, estando presentes os comerciantes, que fizessem rigorosas buscas e apreensões! E é tudo assim; neste mar de lama em que está transformado Portugal, a subserviência, a venalidade, a duplicidade são moeda corrente e constantemente se acotovelam aqueles que prostituíram o cérebro e a alma.

AI do governo e da burguesia se não mudarem de tática!

A situação agrava-se de dia para dia, de hora para hora. Estamos no princípio do inverno. Ele já se apresenta áspero, cruel, e no lar dos proletários não há carvão nem comida, não há agasalhos nem calçado. Chegou-se a um ponto que os artigos outrora considerados indispensáveis à vida, são classificados de objectos de luxo. Hoje, certos de que nos não enganaremos na nossa profecia, de que os factos tardarão ou cedo a confirmá-la, bradamos: ai do governo e da burguesia, se não mudarem de tática! Resvala-se por um declive que termina num abismo; metade do caminho está andado. Se há muita fome e miséria em todo o país, amanhã muito mais haverá se governar a burguesia não vierem que, a continuar procedendo da mesma forma, arrastem e arrastem-nos para uma derrocada estrondosa, formidável, em que os oprimidos talvez se não poderão vingar dos opressores — porque nem para isso terão força. Possível é, porém, que, antes da tragédia estar consumada, os operários conscientes sejam forçados a intervir dum forma decisiva, jogando uma carta que será de vida ou de morte, para obter a que a burguesia, no seu delírio de gozo e riquezas, tudo precipite nesse abismo indomável, que se escancara ante nossos olhos.

Mas o proletariado é também responsável!

Devemos no entanto confessar que, se as grandes responsabilidades da situação presente pertencem à burguesia e aos governantes, delas algo compartilha o proletariado porque, devido ao seu indiferentismo e inconsciência, a organização sindical não pôde obter a que continuasse a tripudiá sobre a miséria dos que trabalhavam. Ele tem preferido a morte rápida por uma bala, lutando na praça pública pelo direito à vida, a morte lenta e torturada de todos os dias e de todos os momentos, a morte representada pela perda constante das energias e das faculdades de trabalho e de acção. O povo tem si-

Notas e Comentários



—Pois o senhor também lê A Batalha?

—Sou seu leitor assíduo. Não por que concorde com muitas coisas que aqui se dizem. Mas porque quero saber o terreno em que pizo e conhecer o dia de amanhã. Quero ser um homem da minha época, e os outros jornais falam-me apenas da vida de há um século.

—Muito bem, muito bem. Também entendo que o burguês inteligente tem conveniência em ler A Batalha.

—Eu leio-a todos os dias — como já disse. E confesso que ali sinto já necessidade de a ler. Olhe aqui está uma campanha muito interessante, digna do meu aplauso. E a que se refere às casas. Realmente é um problema que interessa a toda a gente. Não há casas em Lisboa. Um amigo meu, que quer casar, ainda não casou por não encontrar casa!

—Não há dúvida. Para casar é preciso casa e mulher. Mas hoje é mais difícil arranjar casa do que encontrar mulher.

—Mas — senhores! — porque não constrói o governo casas, da construção rápida e prática, em tijolo, e paredes interiores de madeira...

—O quê? Uma casa de tabiques de madeira para noivos?

—Mas não é para noivos! É para a classe pobre, que não pode pagar casas pelos preços que os senhorios as arrendam.

—Ah! está bem, está bem. Continui.

—Dizia eu que o governo podia muito bem, e devia, mandar construir umas casas de construção ligeira e económica, com paredes exteriores de tijolo e as interiores de madeira, com quatro, cinco, até seis divisões, claras, higiénicas, varadas de ar. As cantarias seriam substituídas pelo próprio tijolo, e essas casas seriam edificadas com uma caixa de ar de um meio metro, acima do nível do terreno, o que dispensava os caboucos.

—Terrenos não lhe faltam. Tem-nos o Estado bastantes e em magníficas condições de higiene em toda essa fauda de Monsanto e da Ajuda. Os esgotos podiam ser pelo sistema das fossas modernas. Pelos cálculos que já fiz, cada casa dessas não custaria mais que um conto a um conto e duzentos. Podiam, pois, ser alugadas a cinco ou seis escudos mensais.

—Não há dúvida que era bem mais útil o dinheiro que o governo aplicasse nisso, do que os cem contos para a alfândega portuguesa na Flâandres. E' pena que o senhor não seja ministro. Sempre faria alguma coisa de mais útil, do que os que para ali estão...

—Concorda então com a minha ideia? Porque não a apresenta e defende lá na sua gazeta?

—Ah! isso não, meu caro senhor.

—?!

—Quer, então, o senhor, que nós, operários, que nos supomos com mais direito a usufruir do mesmo bem-estar e comodidade que os burgueses gozam, fossemos reclamar ao Estado que nos desse casas de chás para morarmos? Não, meu caro senhor. Cada um no seu papel. O nosso é conquistar o direito de morarmos em casas bem construídas, dotadas de todos os confortos e comodidades.

—Adaptou-se a fome, aceitando tudo o que os magnates da finança, do comércio, da indústria e da lavoura entenderam por bem impor-lhe.

E' preciso despertar, é preciso agir, é preciso ir à praça pública, numa formidável demonstração de força, gritar toda a revolta de que estamos possuídos. O procedimento dos especuladores e dos governantes, que tudo lhes tem consentido, é repugnante, repugnantíssimo, justificando um levantamento em massa da multidão sofridora. E' que eles adoptaram uma atitude baixa, repelente, desprezível, que nos leva a chocotear-lhes as faces sem vergonha, a apresentá-lhes o libelo interminável dos crimes que cometem.

AOS SINDICATOS OPERÁRIOS

Uma circular da U. S. O.

A comissão administrativa da União dos Sindicatos Operários acaba de enviar aos sindicatos de Lisboa a seguinte circular, em que chama a sua atenção para a nomeação dos delegados, que mister é saíam de entre os elementos mais conscientes que os constituem:

Presados camaradas. — O II Congresso Operário Nacional, realizado em Coimbra, ao criar a Confederação Geral do Trabalho modificou, para melhor, a estrutura da central de sindicatos. As transacções resolvidas do mesmo congresso tem que pôr-se em prática desde já. Está nisso o interesse de todo o proletariado, que anseia pela sua libertação do jugo patronal e capitalista.

Mas para que a Confederação possa cabalmente, como lhe compete, desempenhar-se do importante papel que lhe está destinado, precisa, como sabeis, da força e do trabalho persistente e inteligente dos organismos que a compõem e que são:

As Uniãos Locais de Sindicatos, as Federações de Indústrias, os Sindicatos Nacionais e os Isolados.

As Uniãos Locais de Sindicatos também estão reservadas de futuro um importante papel a desempenhar na organização local, porquanto pertence a estes organismos actuar na vida operária, intervir e estudar todos os assuntos proletários nas respectivas localidades.

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana passada manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria, 1 de sarampo e 8 de varíola, e no Porto, 4 de difteria, 1 de febre tifóide, 1 de sarampo e 3 de varíola.

Estado sanitário

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana passada manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria, 1 de sarampo e 8 de varíola, e no Porto, 4 de difteria, 1 de febre tifóide, 1 de sarampo e 3 de varíola.

Estado sanitário

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana passada manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria, 1 de sarampo e 8 de varíola, e no Porto, 4 de difteria, 1 de febre tifóide, 1 de sarampo e 3 de varíola.

Estado sanitário

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana passada manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria, 1 de sarampo e 8 de varíola, e no Porto, 4 de difteria, 1 de febre tifóide, 1 de sarampo e 3 de varíola.

Estado sanitário

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana passada manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria, 1 de sarampo e 8 de varíola, e no Porto, 4 de difteria, 1 de febre tifóide, 1 de sarampo e 3 de varíola.

Estado sanitário

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana passada manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria, 1 de sarampo e 8 de varíola, e no Porto, 4 de difteria, 1 de febre tifóide, 1 de sarampo e 3 de varíola.

Estado sanitário

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana passada manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria, 1 de sarampo e 8 de varíola, e no Porto, 4 de difteria, 1 de febre tifóide, 1 de sarampo e 3 de varíola.

—Pois o senhor também lê A Batalha?

—Sou seu leitor assíduo. Não por que concorde com muitas coisas que aqui se dizem. Mas porque quero saber o terreno em que pizo e conhecer o dia de amanhã. Quero ser um homem da minha época, e os outros jornais falam-me apenas da vida de há um século.

—Muito bem, muito bem. Também entendo que o burguês inteligente tem conveniência em ler A Batalha.

—Eu leio-a todos os dias — como já disse. E confesso que ali sinto já necessidade de a ler. Olhe aqui está uma campanha muito interessante, digna do meu aplauso. E a que se refere às casas. Realmente é um problema que interessa a toda a gente. Não há casas em Lisboa. Um amigo meu, que quer casar, ainda não casou por não encontrar casa!

—Não há dúvida. Para casar é preciso casa e mulher. Mas hoje é mais difícil arranjar casa do que encontrar mulher.

—Mas — senhores! — porque não constrói o governo casas, da construção rápida e prática, em tijolo, e paredes interiores de madeira...

—O quê? Uma casa de tabiques de madeira para noivos?

—Mas não é para noivos! É para a classe pobre, que não pode pagar casas pelos preços que os senhorios as arrendam.

—Ah! está bem, está bem. Continui.

—Dizia eu que o governo podia muito bem, e devia, mandar construir umas casas de construção ligeira e económica, com paredes exteriores de tijolo e as interiores de madeira, com quatro, cinco, até seis divisões, claras, higiénicas, varadas de ar. As cantarias seriam substituídas pelo próprio tijolo, e essas casas seriam edificadas com uma caixa de ar de um meio metro, acima do nível do terreno, o que dispensava os caboucos.

—Terrenos não lhe faltam. Tem-nos o Estado bastantes e em magníficas condições de higiene em toda essa fauda de Monsanto e da Ajuda. Os esgotos podiam ser pelo sistema das fossas modernas. Pelos cálculos que já fiz, cada casa dessas não custaria mais que um conto a um conto e duzentos. Podiam, pois, ser alugadas a cinco ou seis escudos mensais.

—Não há dúvida que era bem mais útil o dinheiro que o governo aplicasse nisso, do que os cem contos para a alfândega portuguesa na Flâandres. E' pena que o senhor não seja ministro. Sempre faria alguma coisa de mais útil, do que os que para ali estão...

—Concorda então com a minha ideia? Porque não a apresenta e defende lá na sua gazeta?

—Ah! isso não, meu caro senhor.

—?!

—Quer, então, o senhor, que nós, operários, que nos supomos com mais direito a usufruir do mesmo bem-estar e comodidade que os burgueses gozam, fossemos reclamar ao Estado que nos desse casas de chás para morarmos? Não, meu caro senhor. Cada um no seu papel. O nosso é conquistar o direito de morarmos em casas bem construídas, dotadas de todos os confortos e comodidades.

A arma

do jornal...

—Cria do Peuple, então instalado no segundo andar do palácio Colbert, rue du Croissant, criava de motejos a Liga dos Patriotas, que tinha assaltado uma cervejaria frequentada por alemães. Dêrou-lhe de sorte e exigiu reparação no número do dia seguinte, quando não... assaltou pela Liga, E. Séverine concluiu assim a sua narrativa:

«... Quando o embaixador voltou pela resposta, encontrou em bataria, ao longo da escada, no patamar, não metralhadoras, mas garrafas carregadas de tinta de imprimir: dessa tinta gorda, viscosa, indelével que se sabe.

«E com o meu perfil, que de grego nunca teve nada, curvado sobre o corrimão, atirei ao linguista interdito a resposta:

«—Diga lá ao sr. Dêroulède, da minha parte, que, se ele cá aparece, transformo-o em negro... a ele e aos seus!

«Teria afrontado o perigo, mas recuou diante do ridículo. Dou a minha receita de graça às redacções sitiadas.

Para fechar

Uma ilha perdida no vasto oceano era povoada sómente por dois habitantes: um senhor que dela se dizia proprietário e um camponês que trabalhava afanosamente aquele pedaço de terra.

—Sou eu quem te mantêm! — dizia com grande orgulho o senhor ao camponês.

O camponês, que era bastante curto de entendimento e que trabalhava como um burro desde manhã até à noite, comendo uma espécie de broa e cebolas, para cultivar os legumes, as vides, os frutões, e proporcionar bons frangos e carne ao senhor, respondia, tirando o chapéu e limpando o suor:

—Tem razão, senhor patrão! Como poderia eu viver, se não fosse o senhor?

Um dia, porém, morreu o patrão; e que sucedeu? O camponês ficou só na pequena ilha e compreendeu, não sem surpresa, que podia comer o pão e a carne e beber o vinho que dava antes ao patrão. Trabalhava menos e comia melhor. Então viu que era ele quem, com o fruto do seu suor, mantivera e engordara o amo, quando pensava que era o patrão que o mantinha a ele; e, com uma palmada na testa, exclamou:

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

—Que besta que eu fui!

Repelindo uma infâmia

Não conhecemos o indivíduo que está à frente do distrito de Coimbra, de nome Malva do Vale. Sabíamos apenas que era um político, e apesar de não ignorarmos que entre políticos poucos homens de bem aparecem, quizemos admitir a hipótese de que o governador civil de Coimbra seria criatura capaz de não ter tam pouco carácter que, convidado a provar uma afirmação grave que fizera em relação à Batalha, fugisse a corroborá-la. Pois nem a corroborou nem se retratou.

Malva do Vale, na presença de vários operários que mandára prender em Coimbra, supondo-nos criaturas venais, afirmou que A Batalha recebera da Polícia de Segurança do Estado mil e cem escudos.

Por quatro vezes o convidámos, com a maior correção, a provar a acusação que contra este jornal ejaculára. Não o fez. E como não pode alegar ignorância acerca do nosso convite, quatro vezes repetido em lugar bem visível de A Batalha, estamos habilitados a considerá-lo um caluniador de baixa espécie.

Não conhecíamos Malva do Vale, mas ficamo-lo conhecendo dora avante — e ficamo-lo conhecendo como um torpe e sabido caluniador.

Os homens que estão à frente de A Batalha, a despeito de terem sido sollicitados, por mais duma vez, para fazerem desta tribuna um balcão, como amanhã o demonstraremos, tem sabido repelir dignamente as miseráveis propostas que criaturas sem escrúpulos aqui tem vindo fazer-lhes.

E queria Malva do Vale que tivéssemos recebido dinheiro da polícia!

Seria estúpido que a polícia desse dinheiro a um jornal que tam denodadamente a combate. Perseguições, prisões, a censura prévia — é a moeda que estamos habituados a receber da polícia.

A bandalheira que aí se estadeia infrene ainda não nos salpicon. Fique sabado o torpe caluniador.

Um soldado exemplar

A falta de pão e outras substâncias nutritivas, andam os potentados da terra entreteendo os estômagos vazios das massas ingénuas com uma larga distribuição de penduricalhos, discursos solenes e diplomas a encaixilhar. Cidades, bandeiras, homens, mulheres, crianças, tudo é condecorado. É um bôdo, é uma cheia, é um dilúvio.

Mas o caso verdadeiramente típico anunciaram há tempos as gazetas.

Há uns vinte anos que o regimento inglês de Berkshire tem ao seu serviço uma heróica e resistente mulla. O valente soldado fez várias campanhas em dois ou três continentes e tomou parte na grande guerra europeia. Entra em fogo com uma fleugma verdadeiramente britânica, indiferente ao sibilo das balas e à explosão das granadas, e sente pela morte ainda maior desprezo do que pelo chicote.

Por isso, porque tem saído ileso de todos os combates, a feliz mulla recebeu a título de recompensa três condecorações militares. Prémio justamente devido ao zelo, dedicação e patriotismo com que tem servido nas fileiras dum glorioso exército, prémio justamente devido à cega valentia que sempre consagrou à defesa de causas sublimas, mas por ela indiscutidas e religiosamente ignoradas.

Gracias a esta bela e inextinguível disciplina passiva, a gloriosa besta mulla é o melhor modelo dos soldados, ou — em homenagem às sufragistas — o melhor modelo das soldadas, e foi certamente no intuito de o frisar, de apontar ao mundo e às gerações esse perfeito exemplo de valor militar, que as altas autoridades do exército inglês lhe dependuraram do lombo aquela triplíce distinção.

A História fala-nos, com certo desdém e censura, dum tal Calgula, de officio imperador romano, o qual teve o capricho de elevar à dignidade de cônsul o seu cavalo Incitatus, mandando mobilar para ele um palácio, cercandoo de numerosas famulagem, sentando-o por vezes à sua mesa imperial e forçando as autoridades a prestarem-lhe homenagem. Algum pessimista dirá que pouco progredimos desde essa remota e ignominiosa época dos imperadores romanos; e acrescentará mesmo que entre um inteligente cavalo e um grosseiro mullar a diferença é toda em vantagem do primeiro.

Se, porém, reflectirmos um instante, verificaremos que o progresso é sensível. O cônsul cavalheiro tinha funções de mando e podia exigir o respeito e a obediência dos homens; a mulla militar exerce a profissão mais modesta de besta de carga e apenas exige, sob pena de morrer de fome, um simples feixe de feno a horas mais ou menos regulares.

Fazendo cônsul o seu cavalo, Calgula quiz evidentemente mostrar o seu desprezo pelos homens e pelos cônsules; ao passo que não é provável que os chefes militares, condecorando a valente mulla, tenham querido ofender os soldados ou mesmo a cavalaria. As medalhas não valerão a esta, certamente, a menor continência ou honraria, nem a livrarão talvez de uma ou outra bordado e de algum irreverente «arrebata!» da parte dos infimos soldados rasos.

O que as condecorações recompensaram nela foram as qualidades que fazem um valente soldado — resistência física, resistência passiva, ignorância das causas e fins da guerra e sangue-frio na acção e os altos comandos, distinguindo-a; não fizeram mais do que dizer a todos exércitos, com inteira boafé e sem nenhum intuito

PELA POLÍTICA

A verdade é que o trabalhador atual, depois de vinte e quatro anos de luta, não é mais livre nem está mais próximo do ser que o trabalhador de 1871. Vive na mesma miséria, luta com os mesmos obstáculos. E não podia ser de outro modo. — *Almanach du Peuple, 1933.*

No palco parlamentar

Contra os assambradores

Entrou ontem em discussão na câmara dos deputados o projeto de lei tendente a evitar o acambramento de gêneros alimentícios e a punir os seus autores e cujo texto ontem demos.

O ministro da justiça declarou que o achava brando, anunciando que na discussão da especialidade apresentará emendas que tornariam as suas disposições mais rigorosas, pois entende que as penas devem ser agravadas, desde a interdição do comércio até à prisão e deportação para as colônias dos delinquentes em determinadas circunstâncias.

O sr. Júlio Martins deu todo o seu apoio ao projeto, por entender que é indispensável dar satisfação às justas reclamações da opinião pública.

O sr. António Granjo disse que todas as penalidades contra os assambradores são sempre suaves por mais severas e pesadas que sejam, mas que nunca lhe podia ter passado pela cabeça que ao comerciante fosse aplicada a lei que por ele, orador, foi publicada, destinada ao julgamento sumário de gatumos e vadios. Concorde que se julguem em tribunais especiais os comerciantes, mas que se apliquem a vagabundos e comerciantes a mesma lei sumária, discorda.

O sr. Mesquita de Carvalho requereu que a discussão do projeto fosse adiada para segunda-feira, mas a câmara rejeitou o requerimento.

Para o sr. Ladislau Batalha o projeto em discussão não resolve em coisa alguma a carestia e a escassez dos gêneros. Vota-o, no entanto, rejeitando apenas a deportação para a África porque entende que as nossas colônias não são vasculhadas.

O sr. Cunha Leal votaria o projeto até de olhos fechados. Quanto mais fossem as penalidades melhor. Não teria mesmo escrúpulos em votar, para este caso, a pena de morte.

Como para dizerem isto, os oradores levaram as quatro horas da sessão, a discussão ficou por aqui, para prosseguir na segunda-feira, mandando o sr. ministro da justiça, para a mesma, as suas emendas ao projeto, que estabeleçam as seguintes penalidades:

Os gêneros estragados, deteriorados e ainda os assambrados ou escondidos serão imediatamente apreendidos e o seu possuidor preso, ficando este sujeito à multa correspondente ao quintuplo do valor da mercadoria, mas nunca inferior a 1.000\$00, quando se trate da primeira infração, e sempre superior a 3.000\$00, quando haja reincidência, sucessão ou reincidência de infração, devendo o contraventor ser posto à disposição do governo, para o deportar para as colônias.

A deportação de operários e as lanchas do presidente

No fim da sessão, o sr. Dias da Silva atacou violentamente o chefe do governo por ter deportado para a África, sem que tivesse sido julgados por qualquer tribunal, operários portugueses expulsos do Brasil sob a simples acusação de boicote.

O presidente do ministério vangloriou-se com a arbitrariedade praticada e pretendeu justificar o seu procedimento como se as poucas vergonhas pudessem ter justificação.

O sr. S. Cardoso declarou francamente que os deportados não tinham sido sujeitos a nenhum julgamento. Não consentiu na sua permanência aqui porque entende que tem o dever de defender o país dos elementos que podem pôr em risco a segurança e a tranquilidade pública. Esses indivíduos, em número de 16, foram expulsos do Brasil por defenderem o assassinato do presidente da República, num comício, a que interveio a polícia que foi recebida a tiro. O governo, no entanto não os tratou como condenados. Mandou-os para Cabo Verde onde terão plena liberdade.

Aos apurados do sr. Dias da Silva, o eminente estadista, que mostra perceber tanto de escolas socialistas como de lagares de azeite, pediu a linha e começou a vomitar, colérico e apoplético, imprecações e ameaças que, pela catadupa com que saíam da boca do ilustre homem de Estado, não podemos registar, tanto mais que a câmara aplaudiu com pés e mãos.

Das coisas só, porém, o sr. Clemente não conseguiu destruir.

E que a deportação sem julgamento em tribunal é um crime, e que os nossos camaradas foram deportados por s. ex.ª sem terem sido julgados.

E esta é que é a questão. O mais são lanchas, sr. presidente, e de lanchas e lancheiros está o povo farto até aos olhos.

O sr. Bernardino, no Senado, volta a preocupar-se com um cadáver

No asilo ao lado, do nosso signor D'Annunzio que, segundo consta, está organizando a patrulha com que irá arrancar Olivença à Espanha — emborrou novamente com o cadáver do Sidónio, protestando contra a sua permanência nos Jerónimos, mostrando a sua disposição de lá ir, esta noite, buscá-lo às costas.

O sr. Bernardino Machado teve, no entanto, esta observação lúcida: à medida que o tempo passa, vai crescendo a saudade pelo presidente assassinado.

A observação é verdadeira conquanto não nos vejamos motivados para essa saudade, visto que o Grande Vivo veio substituir plenamente o Grande Morto. Sem lisonja para o sr. S. Cardoso, pois não sabemos ser lisonjeiros — pondo de parte o confronto impossível sob o ponto de vista intelectual, somos forçados a reconhecer que quanto a processos políticos não ficamos pior servidos, já pela forma como respeita a lei, já pela maneira como nos garante a liberdade desenhada nas consignadas na Constituição, o sr. S. Cardoso não é inferior ao sr. Sidónio Pais. Vê-se mesmo que

CONTRA A LIBERDADE ALHEIA

A deportação dos operários vindos do Brasil

Os atentados contra a liberdade de pensamento vão sendo cada vez mais flagrantes. Tem sido o proletariado o alvo mais visado pelos governantes desta República de... liberdade, igualdade e fraternidade. A liberdade... no governo civil ou costa de África, igualdade... do assambrador e do que geme com fome; a fraternidade... dos massacres praticados pela guarda pretoriana quando o operariado se revolta contra todas as infâmias que dia a dia a classe burguesa vai fazendo.

Arrastam-se a fome, mulheres e crianças por capricho; líquida-se a vida humana, com uma irresponsabilidade que não leva a fazer dois juízos: ou são muito ingênuos e ignorantes ou são extremamente perversos. Opiamos pelo segundo. São perversos, indubitavelmente perversos.

O proletariado de Lisboa, o escravo do industrial e do senhorio alfacinhas, não ficou insensível ante mais esta atrocidade, e, interessado pela sorte dos seus camaradas, protesta com veemência contra uma das maiores infâmias que tem sido praticada pelos governos da República.

Conselho Maximalista «A Nova Aurora»

Na última reunião desta organização revolucionária convocada especialmente para tratar da deportação dos operários vindos do Brasil, foi unanimemente aprovada, depois de vários camaradas usarem da palavra, uma moção em que se protesta contra essa violência e se afirma o maior apoio à Federação Maximalista e à C. G. T. para irem até onde for necessário. A sessão terminou com vivas à Rússia Vermelha e à Revolução Social.

As greves

Profissionais Culinários

Agrava-se dia a dia o movimento desta classe, posto que os governantes, que deviam meter na ordem os proprietários dos Hotéis e Restaurantes que não respeitavam a lei, lançam os seus rancores sobre os grevistas, pretendendo expulsar alguns, que são de nacionalidade espanhola.

Ontem, foram presos os camaradas Manuel Macarrão, Cláudio Vilar Lourenço, Luís Alonso Gonçalves, José Garcia Tavares e António Ribas, em suas casas, parecendo que os três primeiros serão enviados para a fronteira espanhola.

A despeito desta acinosa perseguição, a greve prossegue, encontrando-se os grevistas dispostos a não abdicar da sua legítima pretensão.

Hoje, reúne a classe às 17 horas, com a presença dos delegados da U. S. O.

Confeiteiros e Pasteleiros

Termina vantajosamente o seu movimento

Reuniu em assembleia magna esta classe para dar por findo favoravelmente o seu movimento grevista, tendo assim a registar a sua primeira vitória.

Assim este movimento, que não é só de carácter material mas principalmente de carácter moral, veio demonstrar a todos os trabalhadores que é mais uma classe que desperta do grande padecimento em que tem estado mergulhada.

Diversos oradores mostraram a numerosa assembleia a forma como se luta, para que todos os camaradas não deixem de cumprir, como é dever seu, com todas as disposições do acordo assinado.

Foi encerrada a sessão depois de ter sido aprovado um voto de louvor a toda a imprensa que desde o princípio deste movimento até hoje tem defendido a classe dos Operários Confeiteiros e Pasteleiros, e principalmente à Batalha, sendo erguidos vivas à organização operária, à C. G. T., à U. S. O., e à emancipação dos trabalhadores.

Foi ainda aprovado um voto de protesto contra as arbitrariedades do governo contra os camaradas culinários.

Pessoal da C.ª Higiene

Continuam em greve as operárias da C.ª Portuguesa de Higiene, Ltd., em face do capricho do sr. J. A. Santos, em não querer ceder aos seus assalariados o que eles reclamam.

Apenas desejam manter integralmente os seus antigos salários, que para honra do gerente da casa, na ocasião em que a vida mais se torna insuportável, nunca deviam ter sido alterados senão para os aumentar. A vida desde o dia 1 do corrente subiu 80 0/0. Portanto os operários animados da justiça que lhes assiste já mais retomaram o trabalho sem que de facto sejam atendidas as suas justas reclamações. Não é, pois, assim que se subtrai \$14 por dia a quem trabalha e produz.

NO PORTO

Greve dos metalúrgicos

PORTO, 9. — Continuam em greve os serralheiros, tendo sido hoje presos alguns junto da estação geradora da energia para os carros eléctricos. Em Valença do Minho foram presos seis operários portugueses quando procuravam passar clandestinamente para Espanha. — 11.

O pacífico México e a América do «direito»

MEXICO, 6. — Depois dum debate, no qual o governo explicou que o estado das relações entre o México e os Estados Unidos é muito crítico, o Senado, autorizou o presidente Carranza a resolver as questões pendentes. — (Radio).

s. ex.ª tem a preocupação de emitá-lo e impõe-se à nossa admiração a facilidade e a felicidade com que consegue equiparar-se-lhe. Faltavam as deportações sem julgamento, mas já as temos para similitude perfeita e acabado. Porque, pois, termos saudades do Sidónio se temos outro?

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico Metalúrgico. — Na sua última reunião o conselho técnico e de melhoramentos deliberou promover, além de várias sessões, nas suas secções de Belem, Palma, Pogo do Bispo, Almada, Oeiras e Cascais, uma reunião magna num dos maiores salões da capital, a fim de fazer interessar toda a classe metalúrgica nos seguintes assuntos que o mesmo conselho entende que são de transcendental importância:

«Introdução no país, sem pagamento de direitos, de todas as máquinas industriais e agrícolas, em prazos de dois meses, segundo o projeto de lei que o atual ministro do trabalho pretende apresentar ao parlamento, como plataforma apresentada a satisfazer grande número de industriais que o deixaram de ser para se transformarem em importadores, conseguindo assim ver-se livres do operariado e da conquista das 8 horas;

«A forma de como a companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses está pretendendo ferir os interesses do pessoal operário das suas oficinas, especialmente o metalúrgico, tentando enviar para o estrangeiro os trabalhos de reparação e construção, que até aqui tem sido feitos nas suas oficinas com economia, perfeição e solidez, rivalizando até com o que antes se fazia no estrangeiro;

«A incúria e incompetência com que os governantes tem olhado para a questão económica do país e o penhum cuidado que lhes tem merecido o desenvolvimento da indústria;

No seu programa pretende o conselho igualmente incluir a necessidade de interessar todos metalúrgicos no sentido de uma ampliação a fim de fazer entrar na ordem todas as entidades que estão escandalosamente contribuindo para a crescente carestia da vida, e em especial na questão das rendas das casas e igualmente os assuntos de carácter moral como sejam: o cerceamento das liberdades de pensamento e de reunião e ainda o das perseguições e repressão à organização operária e seus militantes, por parte dos governantes, e o da infâmia praticada com as camaradas deportados do Brasil.

Manipuladores de borracha. — Reunião a assembleia geral para eleição dos corpos gerentes para o ano de 1920, esta deu o seguinte resultado:

Mesa: Presidente, António Santos Bernardes; 2.º secretário, José Mendes Henriques; 1.º secretário, João Henriques da Silva.

Direção: Presidente, António da Costa; tesoureiro, Luís de Almeida; 1.º secretário, João Ferreira Pinto; 2.º secretário, Tobias Serrão; vogal, Albano Ribeiro.

Conselho fiscal: Emídio Martins, António Nunes e Abel Ribeiro.

Delegados à C. G. T.: António Sousa, (efectivo); Henrique Marques (adjunto).

Delegados à U. S. O.: Artur Augusto (efectivo), Paulo Leão (adjunto).

Mecânicos de aço. — A comissão nomeada para entrevistar os directores da Companhia Portuguesa de Aço, para lhe pedir aumento de salário, deu conta do resultado das suas demarches, aliás pouco satisfatório, ficando resolvido convocar a assembleia para hoje, às 18 horas.

Operários do Município. — Reuniram ontem os operários do município, em sessão magna, presidido José Teodoro, secretário por Raúl Formiga e David Augusto, Manuel Soares, pela Federação da Construção Civil, falou sobre sindicatos mistos, como a Associação dos Operários do Município, considerando-os prejudiciais à organização operária preconizando a formação dos sindicatos únicos. Protestou ainda contra a última façanha do governo, deportando camaradas nossos para África.

Carlos Vicente, pela U. S. O., falou na mesma ordem de ideias que o orador antecedente, cingindo-se ao relatório do delegado ao Congresso, para demonstrar a justiça que assiste às deliberações que ali se tomaram.

Jaime Martins, pelos carneiros, aconselhou o pessoal do Município a ingressar nos seus sindicatos profissionais, pois só assim é que se poderá fazer a emancipação dos trabalhadores.

Pela União dos Operários do Município Rebelo pôe em relevo o relatório do delegado ao Congresso e cita a situação do Pessoal da Limpeza e Regas e a dos Calceiros e Construtores de Macadam, chamando a atenção para o facto de até as Associações Patronais se estarem a unir.

Júlio Matos, do Sindicato Unico Metalúrgico expõe largamente e claramente os seus prejuízos e os sindicatos mistos, atacando os operários serralheiros, caldeiros, estofadores, etc., do Sindicato Ferroviário, pois que não tem direito de serem sindicatos no dito sindicato mas sim devem pertencer aos sindicatos profissionais. Em virtude de A Batalha estar em perigo, propõe que todos os camaradas contribuam com um pequeno óbolo, para assim poder cobrir o deficit.

Mariano, pelos cortadores, lamenta haver alguns componentes da Associação dos Cortadores que estão fora dos trabalhos aprovados no Congresso, devido a levantar-se dentro do sindicato grande celeuma para a admissão dos camaradas empregados nas carnes e seus derivados, do Matadouro Municipal.

Acácio, pelos calceiros, refere-se à utilidade da fusão das associações dos construtores de macadam com os calceiros, pois essas duas classes são as que se empregam exclusivamente na construção de pavimentos.

David pede que todos os operários cumpram com o seu dever, indo cada qual para o seu sindicato profissional, propondo que para a organização da nova Associação do Pessoal da Limpeza e Regas, sejam compreendidas para a comissão organizadora um delegado da U. S. O., um delegado da União dos Operários do Município, quatro da Limpeza e Regas e três dos Operários do Município.

Por fim, foi eleita a comissão, que ficou assim constituída: um delegado da U. S. O., um delegado da U. O. M., 4 camaradas da L. R. que são João de Sousa, José Francisco, Jaime Tiago, José Marques; pelos cemitérios foi eleito

A BATALHA

Theatro São Luiz
A revista o Pé de moa
Com o novo acto o Rocio
Os que percorrem officios,
As ruas, suando, em brasa,
E sem que a mimica de escriptos,
Consigam arranjar casa,
Podem findar tão quistia
Dum modo facil, feliz,
E meter toda a familia
A noite no São Luiz.
Preço o que ha de mais razoavel,
Delicado o senhorio.
A casa e mui confortavel
E temvistas pra o Rocio.

Estevão Elias, e dois da direcção dos Operários do Município, que são Luís Correia e Raúl Formiga e o delegado ao congresso Maduel da Costa.

Canteiros e Polidores de Mármore. — Resolveu a direcção avisar todos os cobradores, mais uma vez, de que até segunda-feira próxima façam entrega do expediente com a moradia dos referidos sócios. Também se previne os ditos sócios que estejam em atraso, de que se devem pôr em dia, caso contrário, serão eliminados de sócios por motivo de em Janeiro entrar em vigor o Sindicato Unico.

CONVOCAÇÕES

Fragateiros do Porto de Lisboa. — Para tratar de assuntos de interesse, é convidada a reunir a direcção, hoje, pelas 18 horas.

Empregados de Livraria. — A fim de ser resolvido um pedido de Associação dos Caixeiros feito a esta secção, são convidados os associados desta classe a comparecerem à reunião extraordinária que se realiza amanhã, pelas 20 horas, na rua António Maria Cardoso, n.º 20.

Professorado primário. — Deveras e justificados alarmados com a projectada entrega da instrução às Câmaras Municipais, destruindo as Juntas Escolares, que todo o professorado defende, resolveram reunir, urgentemente, no próximo domingo, todos os professores de Lisboa.

Cortadores. — A assembleia geral extraordinária reúne na quarta-feira, pelas 18 horas, sendo a ordem dos trabalhos: Resolver sobre a tese apresentada no 2.º Congresso Operário em Coimbra sobre a organização sindical da nossa classe, para o que se fará representação a União dos Sindicatos Operários e a Associação dos Operários do Município de Lisboa, e outros assuntos de alta importância para a classe.

Condutores dos carros. — Para tratar do seu grande desenvolvimento reúne esta Associação amanhã, pelas 14 horas, em sessão magna. São convidados os delegados-fiscais da lei do horário do trabalho a comparecer a fim de lhes serem distribuídos os cartões de identidade.

Na mesma sessão será eleita uma comissão para levar a efeito uma manifestação fúnebre em memória de José Bento Lourenço, proprietário de carros e grande amigo dos seus empregados, falecido há anos por motivo de um desastre. Roga-se a comparencia de toda a classe.

Festas operárias

A favor dos jovens sindicalistas presos

Como temos noticiado, realiza-se hoje, no Teatro Recreios da Graça, pelas 21 horas, uma festa promovida por um grupo de operários, dedicada aos jovens sindicalistas portugueses, cujo produto reverte a favor dos que estão presos.

E' de esperar que seja uma bela festa de confraternização operária.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda na bilheteira do teatro.

A comissão previne os camaradas que ainda tem bilhetes em seu poder para passar que devem fazer entrega deles hoje, até às 19 horas, de contrario serão considerados vendidos.

Grupo Dramático e Musical da Construção Civil

Realiza-se amanhã, pelas 20 horas, no Centro Espanhol, uma grandiosa recita com um interessante programma.

O produto desta festa reverte em auxilio da camarada Guilhermina dos Santos, que se encontra gravemente enferma o que é digno do auxilio do operariado.

Abrihanta esta festa um grupo de músicos da tuna deste grupo. Os poucos bilhetes de convite que restam encontram-se na sede do grupo, rua do Sol, a Santa Catarina, n.º 40.

Sindicato Unico da Construção Civil

São convidados todos os camaradas que fazem parte das comissões do Sindicato Unico, das comissões por freguesias e da Bolsa de Trabalho a reunir hoje, pelas 20 horas, para um assunto urgente.

Realizando-se no dia 1 de Janeiro a inauguração deste sindicato, a comissão organizadora, querendo inaugurar a dignificação, apela para todos os camaradas da industria, para que concorram com 20 centavos por uma só vez, para nesse dia ser fornecido um lanche às crianças das nossas escolas. A inscrição está aberta na residência do continuo da sede federal. Pede-se aos camaradas que não esqueçam mais este acto de solidariedade.

Vida cara e difficil

Mercieiro açambarcador

Na merceria de Manuel Martinho, na rua Antero do Quental, n.º 13, entraram ontem duas sacas de açúcar. Quando se tinham vendido ao povo uns 50 quilos, já haviam saído quatro pacotes, de dois quilos, com destino desconhecido. O operário José de Almeida, vendo isso, pediu auxilio ao guarda 1557, da 9.ª esquadra, alegando que nada podia fazer. Dirigiu-se então esse camarada à esquadra dos Anjos, onde falou com o chefe Cintra, acompanhando-o este imediatamente à merceria em questão, falando com o seu proprietário. Este, perante o que lhe disse o chefe, foi à rua da Bemposta buscar o açúcar que estava escondido, sendo apreendido e vendido ao público.

As 8 horas de trabalho

Distribuição de cartões

A Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio pede-nos a publicação da seguinte nota:

«Estando em distribuição os cartões de fiscais à lei das 8 horas, comunicamos a todos os sindicatos que os devem reclamar em officio assinado pelo presidente da direcção ao engenheiro-chefe da 3.ª circunscrição industrial — Terreiro do Trigo, Lisboa.

Pede-se urgencia neste assunto, se desejam que a lei das 8 horas seja cumprida.

Também a mesma Federação nos pede a publicação desta outra nota:

«Tendo A Batalha publicado há dias um telegrama de Almada em que se pediam providencias sobre o não cumprimento das lei das 8 horas naquela villa, esta Federação comunica que enquanto não existir naquela terra uma associação de classe de empregados no comércio, a lei não será cumprida.

Esta Federação já fez um convite aos caixeiros de Almada, Caxilhas e Cova da Piedade, para comparecerem na sua sede, rua António Maria Cardoso, 20, a fim de se lançarem as bases para a fundação do sindicato, convite que novamente faz, visto que até agora ninguém compareceu».

NA PROVINCIA

BEJA, 8. — Devido aos esforços empregados pela Associação dos Empregados no Comércio e União Local dos Sindicatos, é cumprido, nesta classe, o regime das 8 horas de trabalho, abrindo os estabelecimentos às 9 horas e encerrando às 19, com duas horas para a refeição.

As autoridades — o que é para estranhar — têm-se empenhado por fazer cumprir esta regalia, tendo o commissário da policia e cabos respectivos, fiscalizado os estabelecimentos que se encontram abertos. — C.

O conflito marítimo

A caminho duma solução?

Uma comissão das classes marítimas em luta procurou ontem o ministro da marinha, tendo este resolvido convocar para hoje, às 10 horas, uma reunião conjunta com os armadores. Os marítimos reúnem hoje, às 17 horas, nos seus sindicatos para se inteirarem do resultado dessas negociações. A essas assembleias assistirão delegados da União dos Sindicatos Operários de Lisboa.

Moços e Marinheiros da Marinha Mercante

Da Associação dos Marinheiros e Moços de Marinha Mercante, recebemos o seguinte communicado:

O nosso movimento mantém-se na mesma altitude e não desarma sem que satisfação seja dada à nossa reclamação, que é a readmissão às matrículas, segundo a lei 5516, do nosso delegado.

Em vista do prazo marcado para a solução do nosso conflito, de hoje em diante é reclamado o pagamento dos dias em greve.

Mais prevenimos as autoridades, de que o nosso movimento é retidamente económico, não tendo entendimento de espécie alguma com politicos, de quem só temos recebido atentados contra a nossa liberdade de associação e de reunião, perseguindo sempre, quer tenham ou não motivos para tal, a organização operária, chegando já à deportação contra o que protestamos.

A esta classe foi feito um apelo, para que cada um dos seus componentes, contribuia com um dia de salário em favor do nosso orgão A Batalha.

João Carreira

Para a viúva e filhos deste nosso falecido camarada recebeu a comissão \$30 da camarada António Botas.

A comissão continua a contar com a solidariedade de todos os amigos do extinto camarada.

COLUNA ESPERANTISTA

Sociedade Esperantista Operária

Acaba de constituir-se mais uma sociedade esperantista, com o fim de propagar e desenvolver entre o proletariado o conhecimento e estudo da conhecida lingua internacional auxiliar Esperanto, criada em 1887 pelo falecido médico polaco L. Zamenhof.

Logo que a comissão organizadora e fundadora consiga uma sala para sede definitiva, iniciará os seus trabalhos de ensino e propaganda, abrindo para o proletariado cursos elementares da mesma lingua.

As adesões e pedidos de esclarecimentos, respeitantes ao assunto, devem ser dirigidos à sede provisória da sociedade, R. do Souto, 17.º, a J. Dias Pinheiro, secretário geral da comissão organizadora.

Portugala Esperantista Socialista Associao

Com a cooperação do «Grupo Dramático da Juventude Socialista», realiza-se amanhã, pelas 20 horas, a «Portugala Esperantista Socialista Associao», uma festa em homenagem ao filologo L. L. Zamenhof, criador da lingua internacional «Eperanto».

Esta festa, que terá lugar na Academia Recreativa de Lisboa, à rua do Socorro, 11-C, promete ser brilhante pela forma como está organizada.

A entrada será por bilhetes que se distribuem na sua sede, à rua do Bemfornoso, todas as noites.

Proletários e esperantistas! Cumprideis um dever de bons camaradas se vos associardes a esta festa, que tanto tem de justa, quanto tem de humanitária!

Federação Esperantista Operária

Reúne a comissão executiva amanhã, pelas 19 horas.

Lisbona Verda Stelo

Convidam-se todos os sócios em atraso de cotas a pagarem-na na sede, travessa da Agua de Flor, 55. De contrario serão eliminados no proximo ano.

Idealo kaj Laboro (Pôrto)

Acaba de se fundar mais uma sociedade esperantista operária, que tem por titulo Idealo kaj Laboro. Dirigir toda a correspondência para a sede provisória, rua do Souto, 17.º. Pôrto.

ULTIMAS NOTICIAS

A agitação social em Espanha

Os grevistas gráficos de Madrid saem com um jornal

MADRID, 11. — Os jornalistas e o pessoal de composição, administração e os vendedores, acham-se sindicados, publicam um jornal intitulado «Nuestro Diario», que tem tido razoavel acção do publico.

Os tipógrafos defendem «Solidaridad Obrera» de Valencia

VALENCIA, 11. — Foi comunicado oficialmente ao governador interino que os tipógrafos estavam decididos a declarar a greve no caso de que fosse sus-

pensada a publicação do diário Solidaridad Obrera, órgão dos sindicalistas. Rádio.

Na linha do Sul e Sueste

Comboio de mercadorias que descarrila

PINHAL NOVO, 12, C. — O comboio n.º 1.000 de mercadorias, procedente de Beja e com destino ao Barreiro, descarrilou hoje em parte ao quilometro n.º 42 e 200 metros, próximo à estação de Pegões, ficando 3 vagões completamente destruídos e a via interrompida numa extensão de 20 metros, não havendo, felizmente, desastres pessoais.

São importantes os prejuizos no material. Pelo chefe da estação foi telegrafiado o facto a Barreiro, donde imediatamente partiu para o local do descarrilamento um comboio de socorro, conduzindo pessoal e material para o carrilamento dos referidos vagões.

Os passageiros que seguem no comboio n.º 6, vindos do Algarve, sofreram grande atraso.

Os trabalhos do carrilamento foram dirigidos pelos inspectores do movimento, J. Simplicio, e do serviço de material e tracção, Cavaco.

Os socialistas reclamam a paz com a Russia

ROMA, 8. — (Atrasado). — Os deputados socialistas resolveram apresentar uma moção convidando o governo a propor a paz com a Russia dos «soviets».

Na Norte America

Procura-se poupar o rapado

WASHINGTON, 9. — A fim de economizar o carvão, foi ordenada rigorosamente outra redução na iluminação e na venda de carvão nos entrepostos e fabricas para aquecimentos e iluminação.

Professorado primário

PARA «A BATALHA»

Temos recebido numerosos alvitre para solução da crise que A Batalha está atravessando, mercê da carestia de papel. Hoje, porém, devido a grande falta de espaço com que lutamos, não podemos publicar essas provas de estima sincera que os amigos de A Batalha nos enviaram, o que faremos amanhã.

O MALDITO CIUME

Um «chauffeur

A venda nas principais livrarias

Pedidos à EMPRESA EDITORA POPULAR, Rua do Poço dos Negros, 79 a 83-A-Lisboa

ou à administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º - Lisboa

A Verdade acerca da Revolução Russa, (documentação inédita da Revolução Bolchevista)—Preço \$60.

A minha guitarra, do popular cultivador da canção nacional, Avelino de Sousa—Preço \$40.

Amor e Segurança, livro científico que todo o operariado deve ler a fim de evitar o terrível flagelo da poeira—Preço \$60.

A BATALHA NO PORTO

Reúne a União dos Sindicatos Operários do Porto—E' resolvido fazer-se um apelo em favor de "A Batalha"—Condensa-se a avides dos papéis—Tomam-se várias resoluções e saúdam-se as classes em greve pró-aumento de salário

PORTO, 10.—A sessão federal da União dos Sindicatos Operários, realizada ontem, presidiu o representante dos Fabricantes de Calçado de Fancaria, secretariado pelos delegados das Associações dos Operários Fabricantes de Calçado de Obra Nova e dos Operários Marmoristas. Expediente:—ofício do órgão do operariado A Batalha, solicitando para que a U. S. O. P. faça um caloroso apelo às classes operárias no sentido de elas auxiliarem, tanto quanto se possa, a existência daquele indispensável diário operário, actualmente lutando com inúmeras dificuldades resultantes da carestia das matérias primas, como seja o preço exorbitante por que estão vendendo o papel.

Todos os delegados ponderaram este caso e condenaram a avides das empresas papeleras: durante a guerra, o preço do papel subia devido à falta de transportes, da pasta, de mil e uma coisas; agora, com a guerra finda, talvez o motivo da carestia do papel esteja na abundância desses mesmos transportes e dessa mesma pasta, com a circunstância agravante das edições constantes das notas milicianas, que dão um gasto muito razoável nas resmas de papel. Ficou resolvido fazer-se o solicitado apelo o mais breve possível. Ofício da Confederação Geral do Trabalho participando que os camaradas Gomes do Amaral e Francisco Cristo foram os escolhidos para representarem esta União naquela Confederação.

A assembleia rejubilou-se, unanimemente, com tam acertada escolha, pondo em destaque as qualidades morais e intelectuais daqueles estranhos propagandistas operários. Ofício da União dos Inquilinos, lembrando a conveniência de a U. S. O., a exemplo da sua congénere de Lisboa, iniciar uma campanha contra a usura dos senhorios, não desistirem das suas pretensões em levantarem o aluguer das casas, ameaçando todo aquele que pense recalcitrar contra os seus desejos terminantes.

Depois de uma breve discussão aativa às manigancas várias dos donos das poelias onde os operários vivem como que soterrados, ficou o secretário geral encarregado de responder àquela União dos Inquilinos, comunicando-lhe que o assunto ainda não foi discutido, tanto mais que ele já fora tratado na última reunião e deverá ser novamente abordado na próxima assembleia das direcções. Ofício dos operários metalúrgicos, dando conhecimento de que a sua classe se encontra em luta pró-aumento de salário, visto a intrinsecidade das industriais a isso a impelirem bem contra sua vontade. Serafim Lucena, depois de várias palavras elogiando os grevistas, apresenta a seguinte moção:

"A U. S. O. P., reunida em assembleia federal, saúda a classe dos serraleiros em luta pelas suas justíssimas reclamações, fazendo votos pelo triunfo completo e por que se mantenha o princípio de solidariedade em toda a organização operária para com a classe em greve."

J. Silva, delegado dos encadernadores, propõe, o que é aprovado, para que a salvação se torne extensiva a todas as classes ora em greve. Como se reconhecesse a necessidade da U. S. O. ter um delegado junto da classe dos serraleiros, enquanto estiver em greve, foi nomeado o delegado dos fabricantes de calçado. A seguir, J. Silva dá conta da missão de que, juntamente com Porfírio Coelho, fora incumbido, apresentando às entidades competentes e imprensa a célebre amostra de farinha deteriorada que a outra semana fora apreciada devidamente e de que já dei relato. A. Cardoso deu também conta da missão de que o encarregaram junto da Associação dos Forcistas sobre a razão da mesma se recusar a aceitar o ingresso, no seu seio, do pessoal adventício.

O delegado dos Fiandeiros lembra a conveniência da U. S. O. iniciar um movimento no sentido de se fazer cumprir.

N.º 287 de A BATALHA Folhetim N.º 16

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

FOR

JEAN GRAVE

XVII

Por desagradável que fosse, não podia desconhecer-se que era uma medida de prudência que não se podia descuidar. Combinou-se que um grupo de homens, por turnos, velariam todas as noites pela tranquilidade da colónia, no mesmo tempo que se recomendava a todos e a cada um grande vigilância de dia e de noite.

Também entrou de novo a questão de se aceitar ou não os desertores que se apresentassem de futuro, pensando que o comandante poderia introduzir novamente: espíes entre os terralibrianos. A discussão travou-se necessariamente pela chegada de Rossignol e de Le Mahoudec, que se dera em virtude das circunstâncias seguintes:

Depois da partida do comandante, na manhã do fracasso da sua intenção, os terralibrianos deixaram Rossignol livre, ordenando-lhe que se afastasse quantos antes, o que se apressou a fazer.

prir integralmente o horário das oito horas. Ficou para ser discutido o assunto na próxima assembleia das direcções. Depois do delegado dos Carruageiros chamar a atenção da U. S. O. para o facto dos metalúrgicos em greve pretendem que aquela classe os secunde, e ficar resolvido que o camarada delegado da União junto dos grevistas lhes faça sentir que os carruageiros nada tem de comum com o seu movimento, foi encerrada a sessão.

O manifesto da U. S. O. e o governador civil—Duas palavras a propósito

O manifesto que a U. S. O. editou, consoante as deliberações tomadas numa concorridíssima reunião de direcção, do qual já foi transcrita nestas colunas uma parte, causou uma impressão de medo ao ilustre chefe do distrito, com gabinetes nos edifícios do Governo Civil. A moção que o manifesto em questão transcreve não lhe fez muita moza, tanto mais que é um documento que foi entregue ao governo por intermédio da C. G. T. O que o tornou apreensivo e temeroso foi uma certa passagem em que afirma que o proletariado tem, bem contra sua vontade, "de tomar um caminho que muito lhe desagrade, mas para o qual é empurrado". S. Ex., que à primeira vista julgou naquelas simples frases o prenúncio trágico duma próxima revolução bolchevista, julgou da sua autoridade incomodar o secretário geral da U. S. O., chamando-o à sua divina presença.

Mais correu para esta sua resolução o facto do jornal jesuíta O Debate inserir, nas suas colunas, nacos do manifesto da U. S. O., sublinhando os pontos que ele entendeu serem depósitos contra o regime, mas que ainda assim não eram partidários da santa religião católica, apostólica e romana, nem do Manesismo.

Afinal o engano desfêz-se, e o secretário geral da U. S. O. explicou não tratar-se, por agora, dum movimento leninista, mas sim somente dum movimento geral do proletariado desta cidade pró-aumento de salário, já que o governo não se preocupa em meter na ordem os gatinhos da bolsa do consumidor faminto. O chefe do distrito soltou um ah! de alívio e o nosso camarada pôde então ouvir da boca do sr. governador civil a declaração de que a questão económica só se resolverá quando se mudar a face à humanidade, que é precisamente o que nós pensamos fazer. Escapou-lhe a frase e nós registamos a gostosamente... ? Querá fazer-nos nossa camarada?

Já agora vem a talho de foice uns reparos. O chefe do distrito viu no facto de algumas classes se encontrarem em greve uma prova de que o proletariado se encaminhava para uma acção eminentemente revolucionária. E todavia, isso não representa nada do que deve ser. Essas classes reclamam, justamente, uma melhoria de situação, sendo o seu gesto, embora isolado, um protesto contra o governo e contra a carestia da vida.

A meu ver, porém, adiaram-se, prejudicando um tanto a disciplina da organização, pois deviam, conforme o resolvido, esperar porque fundasse o praso concedido ao governo para pôr em prática medidas tendentes ao betteramento da vida e pela última deliberação da U. S. O., reunida em assembleia de direcção, e então tudo, a um tempo, cruzava os braços, apresentando-se as reclamações colectivas ao patronato em geral.

Em face dum movimento desta magnitude, iniciada no mesmo dia e à mesma hora por todas as classes que aprovaram a moção inserida no manifesto que tantos engodos causou, então é de que o sr. governador civil se assustava, mandando talvez avançar forças da capital. Mas não perderá pela demora... Creia-o...

A todo o momento se espera uma greve geral nas fábricas de tecelagem e filiação de lã e algodão, bem como nas de artefactos de malha. Os industriais,

zer. Mas a recepção que lhe fizeram os oficiais, não foi do seu agrado.

Os dois espíes foram acusados de terem vendido aos terralibrianos os projectos do comandante. Este mandou-os prender, ordenou um inquérito e pensava em submetê-los a um conselho de guerra. O oficial encarregado da informação, deixou-se convencer pelos protestos de inocência dos dois acusados; sobre tudo de Le Mahoudec, que indiscutivelmente aceitou o papel de espião por cega obediência aos ordens do comandante e sem dúvida também pelo terror duma intervenção contra os terralibrianos, no caso de ter trabalhado de acordo com eles. Devido a isso, pô-lo em liberdade, mas a situação era tam intolerável que resolveram fugir e apresentar-se na colónia pedindo hospitalidade.

Discutiu-se largamente o assunto: um, a maioria, não queriam admiti-los, haviam abusado uma vez da confiança de quem os recebera como amigos e podiam abusar novamente.

Outros diziam que precisamente por terem sido desmascarados como espíes não era provável que o comandante se servisse deles; além disso, não podia negar-se ajuda e assistência aos que vinham pedida.

Rossignol e Le Mahoudec, que davam sinais de ter sofrido muito, declararam ter fugido do cárcere que o comandante mandara construir no acampamento e onde os encerrara outra vez, a pretexto dum suposto delito; que os terralibrianos os repelisses, se veem obrigados a voltar ao acampamento, o que representaria uma cond-

vento que os operários têxteis não desistem das suas reclamações feitas por intermédio da Associação dos Fiandeiros, ameaçam com o lock-out, tanto mais que já se declararam em greve os operários das fábricas do Monteiro, de Campanhã, de artefactos de Batalha, dos carrinhos da Senhora da Hora, etc., etc., além de constar que já outras vão ser abandonadas pelo seu pessoal.

O movimento dos operários têxteis e os maneios dos industriais—Tenta-se lançar água na fervera

Os donos da fábrica de carrinhos da Senhora da Hora foram queixar-se ao chefe do distrito de que os seus escravos não quizeram ir trabalhar, não explicando talvez de que o motivo fôra o facto deles não terem as suas reclamações de aumento de salário satisfeitas. Os expulsores dosr. Manuel Ribeiro da Silva ainda não retomaram o trabalho, pela simples razão de que aquele senhor ainda se não resolveu a atendê-los, apesar de diferentes comissões procurarem demovê-lo da sua intrinsecidade.

Apenas há três ou cinco industriais que pensam em elaborar uma nova tabela de preços; mas, pelas informações e idas, as concessões a aparcer não vão além de 10 a 12,00, o que a agravante desse aumento principiar só a vigorar desde janeiro em diante. Em todo o caso, os industriais não se entendem entre si para solucionar o conflito e evitarem o movimento geral. E tanto assim é, que, isoladamente, e com o concurso dos encarregados, efectuam reuniões do pessoal dentro das suas próprias fábricas, procurando iludido com doiradas promessas e palavrinhas doces, a exemplo do que tem acontecido na Fiação Portuguesa.

Os operários têxteis, porém, continuam num descontentamento geral, principalmente desde que, em algumas fábricas onde deram um pequeno aumento, os industriais tiraram umas certas percentagens e a subvenção de guerra, que era concedida a tróço de esmola como já noticiámos.

O patronato sabendo que os melhores elementos da classe se têm retirado para o estrangeiro, à procura dum bem estar que não encontrou no seu país, não se falam nos que morreram, pensa fazer pouco dos seus operários. Porém, pode ser que se engane, porque eles, conforme a animação das suas reuniões, estão resolvidos a não se darem por vencidos. Amanhã realiza-se, na sede da U. S. O., um comício desta classe para assentar num caminho mais energético e mais firme, para o qual vai distribuído um manifesto.

Os ourives de prata também se declaram em greve, bem como os fabricantes de instrumentos de música.—Outras em perspectiva

Os operários ourives de prata, que há tempos vem pedindo uma melhoria nos seus salários, não vieram satisfeitos as suas reclamações. Envidaram todos os esforços para que os patrões se convencessem da razão justificativa das suas pretensões, baseadas, como é natural, nas dificuldades resultantes da carestia da vida.

As mesmas tempo que as comissões procuravam entabular concordatadamente negociações com os industriais, as assembleias magnas dos ourives de prata iam-se efectuando, preparando a classe para uma resistência no caso dos patrões, por meios suasórios, não atenderem às reclamações formuladas.

Após demarches sem resultado algum, a classe resolveu, por fim, votar a greve parcial, que principiou, segunda-feira, nas casas Machado & Filhos, Cardoso & Viegas e José Gil. As comissões e delegados das oficinas têm reunido para se ocuparem do conflito. Os industriais ficaram fúrios, motivo porque, após combinações e como das mais vezes, parece que vão declarar o lock-out, por solidariedade com os seus colegas postos em cheque. Contudo, os operários ourives de prata não se assustam e não desistem dos seus propósitos reivindicadores.

Como, apesar de insistentes pedidos, não vissem satisfeitas as suas reclamações de 50 % sobre os salários actuais, os operários fabricantes de instrumentos musicais, das fábricas Castanheira & C. e Francisco Pinto Guimarães, declararam-se em greve.

Os picheiros e latoeiros enviaram já aos patrões as circulares contendo as suas reclamações de aumento de salário, dando-lhes um praso até ao dia 17 do corrente para responderem. Esgotado ele, reunirão para votarem a greve.

nção e perseguições incessantes, reduzindo-os ao silêncio, porque uma vida assim era insustentável.

Concedeu-se-lhes licença para permanecer: depois de tudo, se não fossem eles, podiam ser outros; não havia razão para aceitar uns e rejeitar os demais. Tinha-se que admitir ou rejeitar todos os desertores que se apresentassem.

Decidiu-se pela aceitação. A única precaução adoptada foi recusar-lhes o uso das armas.

Flochard estava radiante de satisfação. Gustava de contar o caso do complot, chegando-se ao ponto de não lhe ver colono que não tivesse ouvido descrição meia dúzia de vezes; mas, como cada narrativa fosse adornada com novos incidentes, sempre havia o interesse da novidade.

Flochard chegou mesmo a convencer-se de que desde os primeiros dias da chegada de Rossignol e de Le Mahoudec havia desconfiado deles e que a sua sagacidade o tinha conduzido no momento propício para surpreender o plano de ataque.

Os colonos, quando Flochard se tornava nassador, brincava com eles, armavam-lhe partidas, que muitas vezes tomava a sério, ficando no ridículo.

Um dia, uns colonos convidaram Flochard para uma reunião organizada no salão duma casa onde vivia em comum um grupo e ali, depois de uma discussão burlesca, sustentada com aparente seriedade, propoz-se instituir uma comissão decorada para premiar Flochard. Era uma infracção aos princípios, mas era

necessário fazer alguma coisa para premiar um mérito tão extraordinário.

Flochard compreendeu a partida e saiu chamando-lhes farangentes, mas a sua vaidade sempre ficava satisfeita.

Outra vez, Doré, um escultor, disse-lhe:

"Diz-me, Flochard; não poderias trazer-me um bloco de mármore nas tuas correrias pela ilha?"

Veremos, procurei.—Tu queres dedicar-te à escultura?"

Sim.

—E que assunto queres tratar?"

Doré, pondo um dedo na boca, respondeu:

"É um silêncio; porém, se me promettes segredo, posso-te revelar."

Podia falar não sou falaz e sei guardar os segredos que me confiam.

—Pois trata-se de fazer a tua estátua. Só há a dificuldade dos companheiros, para não estabelecerem a autoridade dos grandes homens, exigem que só seja feita depois da sua morte: trata, pois, de morrer de pressa, para teres a estátua."

Flochard retirou-se, grunhindo uma injúria, enquanto que os presentes, ao princípio julgavam que Doré, lavas a sério, estavam com uma ruidosa gargalhada.

Entretanto proseguiram os trabalhos com actividade. Terminado havia muito tempo o arroteamento dos terrenos e feita a sementeira, a colheita prometia ser esplêndida.

Como os trabalhos da agricultura só exigiam um ligeira vigilância, os excedentes entre os que a ela se dedica-

Fabricantes de Vassouras e Aries Correlativos

Em assembleia geral, reuniram no domingo os sócios desta associação de classe para discutirem diferentes assuntos de interesse corporativo. Porfírio Tavares Coelho, delegado deste sindicato à U. S. O., referiu-se ao manifesto daquela União Local, que vai ser distribuído à classe, ficando resolvido dar a adesão ao movimento da U. S. O. contra a carestia da vida. Tomou-se conhecimento dum offício enviado da associação, solicitando a esta associação 6 associados para trabalharem nessa cidade; baixou a direcção. Por último foi aprovada a seguinte moção apresentada pelo sócio José Leite:

"A assembleia geral dos Fabricantes de Vassouras, reunida em 7 do corrente, ao ter conhecimento que parte do patronato tenta, por todas as formas e meios, tirar o trabalho ao nosso companheiro Porfírio Tavares Coelho, pelo facto de ele ser um devoto amigo da Associação,—protesta indignadamente contra tal procedimento, próprio de quem tem ruins instintos, e manifesta ao querido perseguido toda a sua solidariedade moral e material, ao lado de quem se coloca em defesa dos sagrados direitos operários."—C.

Previnem-se os sócios em atraso de que se devem pôr o mais depressa possível em dia; se contrário, serão passados para números mais altos ou eliminados.

Latoceros e Picheiros do Porto.—Na última assembleia deliberaram reclamar os seguintes aumentos: de 70 % nos salários de 1900; de 60 % nos de 1930 e de 50 % nos de mais de 1930. Foi ainda aprovada uma salvação aos metalúrgicos do Porto, ora em greve.

Construção Civil de Parede e Arredores.—A sessão de propaganda que estava para se realizar amanhã, já não se realiza senão quando se anunciar, (em Aldeia de Juza). Convidam-se as comissões das associações de classe do concelho de Cascais que tratam do movimento contra a carestia da vida, a reunir amanhã pelas 16 horas na associação de Parede, assim como as comissões que tratam do sindicato único.

Aqueles camaradas que faltarem serão multados em 50 centavos.

Vendedores ambulantes

Em reunião da direcção apleiouse a forma despótica como a polícia da 4.ª esquadra procede para com os vendedores ambulantes, não respeitando as licenças passadas pelo município, e não permitindo que os vendedores paguem no acto das suas transacções, sendo resolvido convocar a assembleia geral para apreciar estes atropelos, e outros assuntos de carácter económico. Essa assembleia realiza-se na terça-feira às 19 horas, na rua do Bemfornoso, 150, 1.º

VIDA ANARQUISTA

Centro Comunista do Porto.—Tendo ficado assente o realizar-se um espectáculo de benefício do Centro, a comissão avisa que se devem levar a scena "O Capital", de Karl Marx, representado pela Companhia Dramática Portuguesa.

Os bilhetes, encontram-se desde já a venda na sede do Centro, Rua Firmeza, 1.º das 19 às 21 e a qualquer hora, nas Ruas Fernandes Tomás, 224, Rua Santo Ildefonso, 282.

Os rendimentos dos operários

Guilherme dos Santos, de 41 anos, trabalhador, residente na rua Andrade, 50, reclamou, nas oficinas de João Saldaña, na mesma rua, foi colhido por uma serra mecânica, ficando ferido num dos dedos da mão esquerda.

—Francisco Ferreira, de 10 anos, serrador, residente na rua da Medida, 25, 2.º, na oficina do vassoureiro, na mesma rua, foi colhido, por uma serra, ficando ferido na mão direita.

—Amadeu Pereira, de 34 anos, carpinteiro, indo a trabalhar numa reparação de um carro, na rua da Medida, 25, 2.º, foi colhido por um formão, que lhe cortou o dedo polegar da mão esquerda.

—Aníbal Rodrigues, de 25 anos, trabalhador, residente na rua da Medida, 25, 2.º, foi colhido por uma chapa de um carro, ficando ferido na mão direita.

—José dos Santos, de 45 anos, moco da tipografia Moniz de Almeida, rua das Pedras Negras, 72 e residente na rua da Caridade, 14, 2.º, quando ontem ia levar uma carga de mato uns livros à rua dos Bacalhoados, ao passar na rua da Padaria, caiu com a cabeça, ficando muito contuso pelo chão.

Depois de pensados no Banco do hospital de S. José, seguiram todos para casa.

Trabalhadores lêde e propagai A BATALHA

necessário fazer alguma coisa para premiar um mérito tão extraordinário.

Flochard compreendeu a partida e saiu chamando-lhes farangentes, mas a sua vaidade sempre ficava satisfeita.

Outra vez, Doré, um escultor, disse-lhe:

"Diz-me, Flochard; não poderias trazer-me um bloco de mármore nas tuas correrias pela ilha?"

Veremos, procurei.—Tu queres dedicar-te à escultura?"

Sim.

—E que assunto queres tratar?"

Doré, pondo um dedo na boca, respondeu:

"É um silêncio; porém, se me promettes segredo, posso-te revelar."

Podia falar não sou falaz e sei guardar os segredos que me confiam.

—Pois trata-se de fazer a tua estátua. Só há a dificuldade dos companheiros, para não estabelecerem a autoridade dos grandes homens, exigem que só seja feita depois da sua morte: trata, pois, de morrer de pressa, para teres a estátua."

Flochard retirou-se, grunhindo uma injúria, enquanto que os presentes, ao princípio julgavam que Doré, lavas a sério, estavam com uma ruidosa gargalhada.

Entretanto proseguiram os trabalhos com actividade. Terminado havia muito tempo o arroteamento dos terrenos e feita a sementeira, a colheita prometia ser esplêndida.

Como os trabalhos da agricultura só exigiam um ligeira vigilância, os excedentes entre os que a ela se dedica-

SINDICATOS da PROVÍNCIA

Construção Civil de Tires e Arredores.—A última assembleia geral nomeou uma comissão para estudar, juntamente com as Associações de Cascais e Parede, o local onde deve ser constituído o Sindicato Único da Indústria no concelho de Cascais. Estas deliberações foram aprovadas no último Congresso em Coimbra. A comissão desta Associação ficou composta dos seguintes camaradas: Artur M. Sabido, Domingos Galharos, Casimiro J. Sabido, Avelino Teodoro e Lourenço Luís Sabido, a qual reúne hoje, pelas 20 horas, na sede da Associação de Tires.

Electricistas Profissionais do Porto.—A direcção tratou de vários assuntos, resolvendo levar ao conhecimento dos sócios e não sócios que o conflito entre o pessoal da casa Bravo & Corte Real está em parte resolvido, havendo ainda desacórdio entre dois operários e a casa.

Construção Civil de Linda-a-Pastora.—Amanhã realiza-se, pelas 15 horas, uma sessão de protesto contra a carestia da vida e a especulação com as casas.

Entra em funcionamento o jornal respondendo no corrente mês, no 2.º distrito criminal: Dia 15, Policarpo Lopes, Lindorfo Alvaro Medeiros Vasconcelos, Ernesto Teixeira de Azevedo e José Moreira, por furto; 16, Eduardo Marques, furto; José Campelo, furto; 17, Francisco Pereira Borges, homicídio voluntário; 18, Mário dos Santos Valente, António da Silva Nobre, Ivo Pereira e Artur Figueira, furto; Gabriel Henriques, Luis Maria Patrocínio e Augusto da Silva Mota, furto; Joaquim Gonçalves e Américo Vilar, arrombamento de explosivos; 19, Agostinho Gonçalves, furto; Custódio Dias, furto; 20, João de Almeida, atentado ao pudor; Maria de Jesus, furto; 22, Alfredo dos Santos, homicídio frustrado e ofensas corporais; 25, Alfredo dos Santos, homicídio frustrado; Amadeu Nogueira de Figueiredo, abuso de confiança e José Pereira, furto.

Tribunal dos Árbitros Ruindores

Sob a presidência do sr. dr. Augusto Vitor dos Santos Júnior, escrivão Pina Vidal, tendo como árbitros os srs. José Dias Sobral e José Dias, reuniu-se este tribunal, julgando as seguintes causas:

Rui Frederico da Costa Esteves, contra Cunha & Cunha, não se conciliaram, ficando para julgamento; João Fernandes do O' contra Eduardo da Silva Moimoz, ficou o processo aguardando promoção; Manuel António Rodrigues contra Manuel Garrido & C., conciliou por 155; Alfredo de Sousa Nogueira contra João Peres, conciliou por 35, e Abel Augusto Borges contra a Companhia União Fabril, tendo o autor desistido da queixa.

Clemenceau e Lloyd George

Vão conferenciar na Inglaterra, para tratarem... da paz do mundo

PARIS, 11.—T. S. F.—Os jornais franceses, falando sobre o fim da visita do sr. Clemenceau a Londres, onde vai conferenciar com o governo inglês, dizem que a primeira questão a ser abordada será seguramente, o restabelecimento definitivo da paz na Europa.

Há, em seguida, que tratar das questões do Adriático e da Rússia, e, finalmente, a da Turquia, para a regulação da qual nenhum tratado nem qualquer cláusula provisória ainda foram elaborados.

É sem dúvida, um acordo sobre estas graves questões orientais que os srs. Clemenceau e Lloyd George procurarão antes de tudo. Devemos procurar, por outro lado, os meios práticos de assegurar uma cordal "entente" entre as duas nações que representam, sendo de esperar que o tratado de garantia franco-anglo-americano entre em vigor, e é essencial que a França e a Gran-Bretanha fiquem estreitamente unidas desde o princípio, vis-à-vis da resistência alemã, tal como ela acaba de se manifestar.

Há ainda grandes problemas europeus e mundiais que lhes convem resolver em comum: a "entente" que, com a guerra, se tornou uma sólida aliança, deve sair reforçada das negociações de Londres.

Finalmente, o problema do câmbio será igualmente objecto de um sério exame da parte dos srs. Clemenceau e Lloyd George.—Radio.

a esperança de ter notícias de lá, mas era sempre amargurada pelo temor de se ter de lutar de novo para defender a liberdade conquistada.

Em resumo: os terralibrianos sentiam-se ditosos.

Trabalhava-se activamente na construção de casas. Chovera mais duma vez e as chuvas sem terem molestado demasiado os habitantes dos albergues interiores fazia-lhes desejar possuir outros mais cómodos e resistentes para o caso de fortes aguaceiros.

Claro é que aqueles albergues se tinham já reparado e vários dos seus habitantes residiam internamente nas casas dos amigos que já tinham habitação fixa.

Um dia, quando todo o mundo estava trabalhando, começou a chover; a princípio julgouse que se tratava de um aguaceloso como os anteriores e ninguém fez caso; porém, como a chuva redobrava de intensidade e o horizonte se ia cobrindo de negras e extensas nuvens, abandonou-se o trabalho executado ao ar livre e os trabalhadores puzeram-se a coberto.

Um relâmpago rasgou o firmamento, um trovão formidável, repetido pelos ecos, retumbou nas alturas. A chuva converteu-se em dilúvio. O céu estava escuro como em plena noite, sem outra claridade que a dos relâmpagos que pareciam envolver a ilha numa luz e deslumbradora iluminação eléctrica. Os trovões sucediam-se com fragoroso estrondo.

(Continua)

MÚSICA

Orquestra Sinfónica de Lisboa

Tem sido enorme a aflição de amadores dos brilhantes consórcios que se realizam no Palácio da bilheteira desse teatro para a festa que ali se efectua amanhã domingo, pela Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a direcção do maestro Viana da Mota. O programa é soberbissimo, admiravelmente escolhido, incluindo a 4.ª sinfonia de Beethoven, um "Poema lírico", de Liszt, o prelúdio da ópera "Lohengrin", o prelúdio do 3.º acto de "Tristão e Isolde", solista de corn inglês, professor Leonel Ferreira e a abertura da ópera "Rienzi", de Wagner.

JUIZES E RÉUS

Em carta precatória expedida da comarca do Cartão, a de Lisboa, realizou-se, ontem em audiência no 2.º distrito criminal a inquirição de testemunhas acerca do crime de homicídio voluntário praticado na pessoa de Diogo Pina Manique, em que foram autores Carlos Saraga e outros. Por parte da viuva do assassinado assistiu o dr. Carlos Grano e por parte de um dos presumidos assassinos Carlos Saraga, o dr. Alexandre Braga, tendo sido inquiridos os srs. Abílio Sarmento, José Alberto Cunha de Moura e Maria Margarida.

Em audiência com intervenção de juri respondendo no corrente mês, no 2.º distrito criminal: Dia 15, Policarpo Lopes, Lindorfo Alvaro Medeiros Vasconcelos, Ernesto Teixeira de Azevedo e José Moreira, por furto; 16, Eduardo Marques, furto; José Campelo, furto; 17, Francisco Pereira Borges, homicídio voluntário; 18, Mário dos Santos Valente, António da Silva Nobre, Ivo Pereira e Artur Figueira, furto; Gabriel Henriques, Luis Maria Patrocínio e Augusto da Silva Mota, furto; Joaquim Gonçalves e Américo Vilar, arrombamento de explosivos; 19, Agostinho Gonçalves, furto; Custódio Dias, furto; 20, João de Almeida, atentado ao pudor; Maria de Jesus, furto; 22, Alfredo dos Santos, homicídio frustrado e ofensas corporais; 25, Alfredo dos Santos, homicídio frustrado; Amadeu Nogueira de Figueiredo, abuso de confiança e José Pereira, furto.

Tribunal dos Árbitros Ruindores

Sob a presidência do



ALVAIADE INGLEZ PARA PINTURA

Cobre muitíssimo mais que outro qualquer. Por esta razão é económico que outro qualquer.

DEPOSITO GERAL
R. NOVA DE S. DOMINGOS, 8-A
PORTO
AVENIDA DA LIBERDADE, Nº 59
LISBOA

Perfeito de Carvalho

NOTAS & COMENTÁRIOS

Preço \$30

A' venda em todas as livrarias e na Administração de A Batalha.

Companhia Nacional de Navegação
(145) Vapor MOÇAMBIQUE

Sairá no dia 20 do corrente, directo para o Cabo, Lourenço Marques, Beira e Moçambique, e para Inhambane, P. Dias, Chinde, Quelimane, Angoche, P. Amélia, Ibo e Tunge, com trasbordo. Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios da Companhia Nacional de Navegação em Lisboa: R. do Comércio, 38. No Porto: R. da Nova Aliança, 34.

Moleiro
(738)

Precisa-se para moagem e descasque de arroz. Carta a Godofredo Ribeiro—Aldeia Nova S. Bento.

Imprensa Nacional de Lisboa

Concurso documental para admissão de aprendizes

Para conhecimento dos interessados se faz publico que a partir de hoje, e por espaço de quinze dias, estará aberto concurso documental para admissão de nove aprendizes da escola tipográfica, de um aprendiz de estamador da oficina litográfica, de um aprendiz da oficina de fundição e de dois aprendizes da oficina de alçado e sobrelaços. Os candidatos, que não poderão ter, na data da admissão, em 2 de Janeiro de 1920, menos de dezasseis e mais de dezasseis e sete anos, deverão dirigir o seu requerimento, em papel selado, ao director geral da Imprensa, indicando nele o nome, idade, filiação e morada, acompanhando-o dos seguintes documentos:

1.º Certidão de idade;
2.º Certidão de exame de terceiro ano do curso geral dos liceus ou do curso completo das escolas industriais, e exame das línguas inglesa ou alemã, para os que pretendam ser admitidos na escola tipográfica; certidão de exame da língua francesa e os dois primeiros anos do curso geral da Academia de Belas Artes, para os que pretendam ser admitidos na oficina litográfica; certidão de exame de francês, desenho, aritmética e geometria, para os que pretendam ser admitidos na oficina de fundição; certidão de exame de instrução primária para os que pretendam ser admitidos como praticantes da oficina do alçado.

3.º Atestado de bom porte passado pelo regedor e pela junta da freguesia em que tenham habitado nos últimos seis meses anteriores à data do requerimento.
4.º Certidão de registo criminal e políptico.

Quaisquer outros documentos, devidamente reconhecidos, que entendam convenientemente apresentar.

Os requerimentos serão entregues na Inspeção das Oficinas da Imprensa, a qual deverá em troca entregar a guia para a inspecção médica aos interessados. No resultado do concurso, em igualdade de circunstâncias, serão preferidos os filhos ou parentes dos empregados do estabelecimento, tendo ainda a preferência, entre estes, os órfãos de pai.

Direcção Geral da Imprensa Nacional, 5 de Dezembro de 1919.—O Director Geral, Luis Deronet.

“A Batalha”
(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Black. Um lindo folheto com capa artística, 10 centavos.

A' venda na administração de A Batalha.

CONTRA O FRIO

Calçado de abafio: a preços resumidos
Tamancaria: preços especiais para revenda

NOS

730

GRANDES ARMAZENS DE CALÇADO

PARA

homens, senhoras e crianças

DE

Luis José Nunes & C.ª

Calçado de luxo — Perfeição — Solidez e preços módicos

Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 31 a 39

TELEFONE 1-721 — CENTRAL

LISBOA



Drogaria Progresso

Henriques & Ribeiro

Produtos químicos e farmacêuticos

DEPOSITARIOS DO

Crema Beleza das Damas e

Pasta esmalte Rosa

O melhor e mais higienico para unhas

Estanho marca DRAGÃO

Deposito de Aguas Minerais

109, Rua da Escola

Politecnica, 113

Lisboa

722 Telefone 1-561-Norte

A BATALHA em TOMAR vende-se na

oficina de alfaiate e

servidor de Raimundo Ribeiro, rua Leiria,

onde recebe anúncios e correspondências.

Tendes relógios parados?

Ide à RUA DE SANTA MARTA, 32 e 32-A e vereis como se encontram os preços tão baratos que ninguém pode competir.

Compra-se ouro, prata e platina para derreter. (737)

Artur Mendes Cruz

O BRIC-À-BRAC

DE

706

ALCANTARA

DE

José Nicolau Veríssimo

RUA DE ALCANTARA, 37

SUCURSAL—RUA DO LIVRAMENTO, III e III

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobílias completas do quarto, casa de jantar, escritório e sala. 5 0/10 de desconto aos assinantes da Batalha.

MADEIRAS

e materiais de construção nacionais e estrangeiros

Grande sortimento de soalhos

de pinho de primeira qualidade

Forros e fasquias de todas as qualidades

YIGAMENITO DE PINHO EM GROSSO E SERRADO, CASQUINHA E SPRUCE

Ferragens, pregos, telhas, tijolos, cal, cimento e manilhas

—JOÃO DE OLIVEIRA DUQUE—

288, RUA DO BEMFORMOSO, 290 — LISBOA

DEPOSITO — Estrada de Sacavem, 261-A

Telefone N.º 1288

695

Herd suíno de Ranholas

(S. PEDRO DE SINTRA)

Proprietário: — Gomes Neto Júnior

Bácoros das raças puras inglesas Yorkshire (grande e mediano) e Grande

preta e da americana Poland-China. O Herd pode ser visitado aos domingos,

terças e quinta feiras das 14 às 16 horas.

Dirigir pedidos ou para a rua do Alecrim, 47, 1.º — Lisboa

ou para o CASAL DE SANTO ANTÓNIO, em Ranholas—Sintra

(694)

LIMA NETO, MOURA & C.ª

Compra e venda de títulos

nacionais e estrangeiros

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

Esquina da rua dos Sapateiros, 1 e 3

TELEFONE 3844

TELEGRAMAS — “IMAN”

METALÚRGICA PORTUGAL

COM

715

Serralharia Civil

Mecânica e Forjas

E

A PRODUTORA

Fábrica de Ferragens a Vapor

Fábricas em Lisboa e Porto

de

Braz, Henrique & C.ª L.ª

Entrega imediata. Móveis a

motor. Portugal de todos os

tanques. Motor a gasolina. En-

xadras, pás, picaretas e bombas

de todos os sistemas e para todos os fins.

Ferramentas para fábricas de

conservas. Reparaciones em maqui-

nas e automóveis. Orçamentos gra-

tis.

MADERAS E MATERIAIS DE

CONSTRUÇÃO

Sede em Lisboa:

R. Morais Soares, 166-B. Telef.

2273-Norte.

NO PORTO

Telef. 1267

Telegramas:

Volcano



“Garantia”

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES

(Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuido, idem, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, aluguéis de predios, greves e tumultos (só em predios e mobílias), agrícolas, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

AUTOMÓVEIS

Indústria nacional

Nas acreditadas oficinas de

Anastácio Fernandes

Fabricam-se com garantia todas as engrenagens e

mais peças para automóveis, barcos, toda a qua-

lidade de motores, máquinas, etc.

Aço especial garantido

Serralharia mecânica

Rua de Santo Antão, 165

Telefone 940-C.

704

ALFAIATARIA INGLESA

DE

MANUEL L. BRÁS

Fazendas nacionais e estrangeiras

—Confecções para homens e se-

nhoras — Preços módicos, perfei-

ção e rapidez. 751

29, RUA DE S.ª MARTA, 31

LISBOA

ALFAIATARIA INGLESA

Sortimento variado de arti-

culos da especialidade. Sacos de

borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

815x105 880x120 820x120

920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263 — R. da Prata — 265

J. V. BAPTISTA

ALFAIATARIA INGLESA

Sortimento variado de arti-

culos da especialidade. Sacos de

borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

815x105 880x120 820x120

920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263 — R. da Prata — 265

J. V. BAPTISTA

ALFAIATARIA INGLESA

Sortimento variado de arti-

culos da especialidade. Sacos de

borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

815x105 880x120 820x120

920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263 — R. da Prata — 265

J. V. BAPTISTA

ALFAIATARIA INGLESA

Sortimento variado de arti-

culos da especialidade. Sacos de

borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

815x105 880x120 820x120

920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263 — R. da Prata — 265

J. V. BAPTISTA

ALFAIATARIA INGLESA

Sortimento variado de arti-

culos da especialidade. Sacos de

borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

815x105 880x120 820x120

920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263 — R. da Prata — 265

J. V. BAPTISTA

ALFAIATARIA INGLESA

Sortimento variado de arti-

culos da especialidade. Sacos de

borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

815x105 880x120 820x120

920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263 — R. da Prata — 265

J. V. BAPTISTA

ALFAIATARIA INGLESA

Sortimento variado de arti-

culos da especialidade. Sacos de

borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

815x105 880x120 820x120

920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263 — R. da Prata — 265

J. V. BAPTISTA

ALFAIATARIA INGLESA

Sortimento variado de arti-

culos da especialidade. Sacos de

borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

815x105 880x120 820x120

920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263 — R. da Prata — 265

J. V. BAPTISTA

ALFAIATARIA INGLESA

Sortimento variado de arti-

culos da especialidade. Sacos de

borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

</